

207

FHC pede "franqueza" no debate da reeleição

Em seu último dia na África do Sul, presidente brasileiro inspira-se no espírito de união que colocou fim ao apartheid

por Maria Cristina Fernandes
e Sandra Gomide
da Cidade do Cabo

Ao deixar ontem a África do Sul, o presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou estar inspirado no espírito da conciliação nacional que pôs fim ao apartheid, quando comentava o grau de sinceridade da elite política brasileira e seu próprio, no tratamento de questões como a reeleição.

"Por que no Brasil não se discute com franqueza o que é melhor para o País, sem pensar apenas na vontade de cada um? Isso vale inclusive para aquela questão que vocês tanto perguntam, a reeleição", disse ontem Fernando Henrique à saída do Parlamento Nacional, onde participou de uma sessão do Senado e foi recebido em almoço pela presidente da Casa, Frene Ginwala, do Congresso Nacional Africano (CNA).

O presidente disse como funciona sua sinceridade no tema: "É bom que se parta do princípio de que quando o governo está dizendo alguma coisa é realmente aquilo que se pensa e não que esteja escondendo algo. Eu, pelo menos, não procuro esconder. A não ser que haja coisas em mim, que os



psicanalistas possam descobrir, que esteja escondendo sem querer".

O presidente afirmou que, na África do Sul, o diálogo é mais sincero: "Todos aqui nos perguntam o que podemos aprender com o Brasil. Prefiro dizer o que estamos aprendendo com seus líderes. Todos têm pontos de vista diferentes, mas são sinceros em uma coisa fundamental, que é preciso reforçar a democracia e fazer com que o povo viva melhor".

O encontro que manteve com o arcebispo anglicano, no entanto, provara-lhe o contrário. Desde que foi escolhido pelo presidente Nelson Mandela para coordenar a Comissão pela Verdade e Reconcilia-

ção (TRC), o arcebispo Desmond Tutu tem a falta de sinceridade como o maior obstáculo do seu trabalho. A comissão, destinada a analisar os pedidos de anistia para os crimes políticos cometidos entre 1960 e 1993, enfrentou há duas semanas a recusa do ex-presidente Pieter Willem Botha em depor (ver reportagem nesta página).

"Acreditamos estar fazendo uma contribuição à reconciliação em nosso país. Mas não podemos fazer tudo sozinhos. Toda a nação tem de estar envolvida", disse o arcebispo anglicano ao sair do encontro com o presidente brasileiro no mais sofisticado hotel da cidade. Mount Nelson.

No Parlamento, pela segunda vez em dois dias, o presidente criticou a lentidão das reformas constitucionais. Fernando Henrique disse ter dado conselhos aos parlamentares sul-africanos, que estão em fase final de elaboração de sua Constituição a ser promulgada pelo presidente Nelson Mandela em janeiro próximo. "Pedi a eles que não façam o que

nos fizemos. Não faça uma Constituição com muitos detalhes".

Ao deixar a sede do Parlamento sul-africano, o presidente fez uma pausa no Signal Hill, um dos mirantes com melhor vista de toda a Cidade do Cabo, antes de embarcar para o Brasil, às 16h30 de ontem. Bem humorado, Fernando Henrique elogiou o terno branco de listras azuis de um repórter de rádio. Disse que tinha dois daqueles e que os usava mais por imposição do seu cerimonial. Também disse lamentar as mudanças da agenda que o impossibilitaram de visitar o Cabo da Boa Esperança, a uma hora e meia da Cidade do Cabo. "Depois que se é presidente, não se manda mais em sua vida".

Posou descontraído para os fotógrafos e comentou o brinde que fez, no Parlamento, ao Rio como sede das Olimpíadas de 2004. A Cidade do Cabo é uma das principais concorrentes da capital carioca na disputa. A primeira dama, Ruth Cardoso, relutou a juntar-se a Fernando Henrique durante a sessão de fotos "Vem Ruth", chamou o presidente. "Eu não. Você é que gosta disso", respondeu à primeira-dama antes de atender ao apelo do marido.